Resenha

Resenha: Cidade Feminista - A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. KERN, Leslie. 2021

Marques, Letícia

Letícia Marques leticiagmarques@hotmail.com
UFMG, Brasil

Kern Leslie. Cidade Feminista - A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.. 2021. Rio de Janeiro. Oficina Raquel. 256 pp.. 6586280664

Revista Espinhaço
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
ISSN-e: 2317-0611
Periodicidade: Semestral
vol. 11, núm. 1, 2022
revista.espinhaco@gmail.com

Recepção: 15 Dezembro 2022
Aprovação: 25 Dezembro 2022

URL: http://portal.amelica.org/ameli/journal/485/4852823011/

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.7485018

Este trabalho está sob uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

Resumo: As cidades são resultadas de um processo de desenvolvimento econômico e social que ocorre de diferentes formas em diferentes tempos e espaços. Em um tempo em que os papéis de gênero eram delimitados por moldes tradicionalistas, seguindo uma lógica patriarcal de dominação dos corpos nos espaços, as mulheres foram excluídas da construção do espaço urbano e suas necessidades e realidades ignoradas nesses processos. É a partir dessa concepção que a autora Leslie Kern busca trabalhar a cidade em seu livro "*Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*". A partir das suas experiencias em diversas cidades pelo mundo, a autora objetiva pensar a cidade de uma maneira diferente, em que os diversos corpos possam (co)existir com segurança e justiça em um mundo urbano.

Palavras-chave: Cidade, feminismo, Gênero, Mulheres, Urbano.

Modelo de publicação sem fins lucrativos para preservar a natureza acadêmica e aberta da comunicação científica

PDF gerado a partir de XML JATS4R

Cidade Feminista - A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens

As cidades nunca foram pensadas para as mulheres. Ser um corpo generificado no espaço é ser atravessado por diversas questões que resultam em como será a experiência urbana. A categoria mulher não é algo fixo e imutável, é múltipla e resulta dos diferentes espaços-tempo. A partir da perspectiva das várias formas de ser mulher nos diferentes espaços, e principalmente no espaço público da cidade, a autora Leslie Kern inicia sua discussão sobre a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.

A partir da sua realidade como mulher branca de classe média vivendo em países do norte global, que a autora parte para iniciar sua discussão, sempre afirmado que todo conhecimento e análise é localizado, e que seu corpo possui privilégios que lhe permitem vivências únicas no espaço urbano, embora reconheça que mulheres se identifiquem umas com as outras quando a análise é generificada. Além disso, a autora reforça a importância da intersecção entre raça, gênero, sexualidade e deficiência para pensar as múltiplas formas de se viver nas cidades, trazendo um debate contemporâneo com referências da própria vivência, cultura pop e modernidade.

Leslie introduz o livro com o prefácio "Cidade dos Homens" onde discorre brevemente sobre as cidades antigas, destacando a cidade vitoriana, em que o corpo feminino no espaço urbano tinha um forte significado associado a classe, e que era indispensável que as mulheres continuassem ocupando apenas o espaço da casa. As cidades possuem uma série de barreiras físicas, sociais, econômicas e simbólicas que impactam diretamente a vida das mulheres e reforçam os papéis tradicionais de gênero, estabelecendo as experiências dos homens como regra, de forma que o cotidiano das mulheres nos espaços urbanos é impactado diretamente pelas questões de gênero.

A autora reforça a importância da geografia feminista como forma de pensar e analisar os espaços a partir das experiências do corpo generificado e as intersecções de raça, sexualidade, deficiências, classe, entre outras que o atravessa, impactando sua vivencia nos espaços urbanos. No primeiro capítulo, "Cidade das mães", Leslie parte das suas vivências como mãe e como isso mudou sua forma de ver e experimentar as cidades. A gravidez e a maternidade mudaram o status do seu corpo no espaço urbano, de forma que os outros a via como um inconveniente. A maternidade trouxe outras demandas para a vida, de forma que o lugar que Leslie morava já não atendia mais suas novas necessidades. Com isso, a autora observa as grandes mudanças que ocorriam na forma urbana de Vancouver e nos processos de gentrificação que mudaram completamente a dinâmica da cidade que ela costumava conhecer.

A autora questiona como se dão os movimentos na cidade, a mobilidade, a ocupação dos espaços por mulheres e crianças e o acesso a serviços e benefícios da vida urbana, que são afetados diretamente por questões de classe e raça. No segundo capítulo, "Cidade das amigas", a autora inicia trazendo uma referência da série que marcou os anos 2000, Sexy and the City, em que marca uma nova era para as mulheres nas grandes cidades com personagens fortes, independentes e livres. Em paralelo, se pensa o poder da amizade feminina e a importância da construção de laços entre corpos com experiência marcada pelo gênero, em que,

desde sempre, meninas e mulheres criam estratégias para se movimentar no meio urbano e se contentam com o uso do espaço limitado.

As relações entre mulheres ajuda a ocupar os espaços urbanos de uma forma mais leve e segura, criando uma nova forma de ver a cidade com estratégias que buscam quebrar algumas barreiras. Além disso, a autora afirma a importância de criar laços que rompem com a norma tradicional de gênero, família e sexualidade para que se criem relações sociais que busquem construir uma cidade a partir das diferenças. No capítulo três, nomeado "Cidade de Uma", a autora discute sobre as questões das tecnologias modernas e seus impactos nas relações sociais e participativas no meio urbano. A autora acentua como o uso descontrolado dos aparelhos eletrônicos contribuem para um ambiente urbano atomizado e hostil, onde a participação coletiva se torna cada vez menor

No desenvolvimento do capítulo, o debate é direcionado à experiência de se estar só nos meios urbanos, do uso do celular como uma fuga ou até uma ferramenta para escapar de assédios e conseguir manter uma "invisibilidade" para as mulheres. Ser mulher nos espaços da cidade é um desafio e, ao pensar pela ótica racial, a autora demonstra que existem ainda mais dificuldades que os sujeitos racializados enfrentam. Segundo Kern, corpos racializados estão em constante alerta. Para os brancos, são vistos como ameaças, e isso os torna alvos da polícia, e de desconfiança. Ao ocupar certos espaços, seus corpos são marginalizados e oprimidos em vários espaços.

O direito de estar sozinha não é algo natural na experiência urbana das mulheres. Ao ocupar espaços públicos masculinos é criado mentalmente estratégias de vigilâncias e comportamentos para tentar passar despercebida ou com segurança. A autora afirma que ainda é difícil para mulheres sozinhas ocupar certos espaços, e que a cidade se materializa como um patriarcado escrito na pedra, de forma que cada lugar na cidade expressa a dominação masculina e seus privilégios de ocupar os espaços públicos. Segundo a autora, "a cultura do estupro nos ensina que estar sozinha em público é estar aberta para sofrer uma ameaça de violência sexual e, portanto, a vigilância faz parte da experiencia de estar sozinha na cidade para a maioria das mulheres" (KERN, 2021, p.156).

O quarto capítulo, "Cidade de protesto", fala sobre o uso dos espaços urbanos para lutas sociais. Leslie expõe suas experiências em protestos como forma de incitar a reflexão sobre como as mulheres usam da cidade para serem ouvidas. O direito à cidade é uma das pautas mais importantes debatidas pelos estudiosos urbanos. Porém, a cidade como palco da vida social moderna reproduz e produz a ordem dominante, de forma que certos corpos são privilegiados e outros oprimidos. Dessa forma, Leslie afirma que os direitos nao podem ser conquistados e defendidos em ciclos fechados ou lugares privados, as lutas por mudanças acontecem nas ruas da cidade, no espaço público.

O último capítulo do livro intitulado "Cidade do Medo" a autora debate os crimes e perigos que estão presentes nos espaços urbanos. Remetendo sua infância, Leslie narra as táticas usadas na escola e em casa para reforçar os perigos e ensinar a se proteger. Para as mulheres, desde muito cedo, é ensinado a não aceitar ajuda de estranhos, ou nunca deixar claro que se está sozinha. O medo feminino é algo completamente cristalizado na socialização das mulheres. Somos socializadas a ter medos que atravessam toda nossa vivência nos mais diversos espaços, em especial no espaço público, onde estamos cercadas por estranhos ameaçadores.

As experiências cotidianas, marcadas por olhares e assédios, reforçam o medo feminino e o temor de se estar em determinados lugares, além das violências no espaço da casa/privado que impactam toda a vida.

Leslie afirma que o medo feminino possui uma função social que legitima a ordem patriarcal. Segundo a autora, o medo restringe a vida, limita o acesso a certos lugares, molda as escolhas e reforça os papéis de gênero, onde o homem exerce o papel de protetor. Isso faz com que as construções sociais naturalizadas como família nuclear, trabalho doméstico, delimitação de espaços permitidos ou não mantenham o status quo. O medo que as mulheres têm dos homens assume uma lógica geográfica. Descobrimos quais lugares evitar, em vez de que pessoas, segundo a autora.

Como encerramento, a autora destaca as possibilidades de reflexões e novas discussões. No epílogo nomeado "Cidade de Possibilidades", a autora conta que inicia sua jornada nas geografias feministas a partir de suas próprias experiências. Ser mulher na cidade torna o corpo feminino um local onde as relações de poder e políticas urbanas se materializam, as interseccionalidades que atravessam os sujeitos como classe, raça, condições físicas, deficiências, etc, influenciam diretamente sua experimentação nos espaços urbanos.

O livro é essencial pois demonstra a importância dos recortes de gênero, raça, sexualidade, dentre outros, para a análise geográfica. Os diferentes sujeitos produzem e experimentam os espaços de formas completamente diferentes, dando novos significados e sentidos. Repensar a cidade a partir das múltiplas realidades é a principal tarefa para os estudiosos atualmente, acolhendo e permitindo que os sujeitos, em sua imensa complexidade, possam ter um pleno acesso a tudo que a cidade oferece.

Referências

KERN, Leslie (2021).Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.Rio de Janeiro: Oficina Raquel.